



## CORPO: IDENTIDADES, MEMÓRIAS E SUBJETIVIDADES

**Maria Abadia Cardoso\***

**Universidade Federal de Uberlândia – UFU**

[ma\\_cardoso\\_h@hotmail.com](mailto:ma_cardoso_h@hotmail.com)

Um objeto só é nosso quando o temos,  
quando existe para nós como capital ou  
quando é imediatamente possuído, comido,  
bebido, vestido, habitado, em resumo,  
utilizado por nós.

MARX, Karl, 1844.

Datada dos anos de 1844, as palavras descritas na epígrafe acima evidenciam o papel que a propriedade privada cumpre: a alienação do homem em face de seu próprio corpo. Tal reflexão marca a temporalidade do desenvolvimento da indústria moderna e, conseqüentemente, do acirramento das contradições oriundas do capitalismo. A perda dos sentidos humanos, conforme evidenciado por Marx<sup>1</sup>, lança a temática do corpo para o centro do debate. E, nesta perspectiva, poderemos nos indagar: de que forma entender o corpo como possibilidade de reflexão histórica? O que podemos dizer sobre o corpo a partir de um diálogo multidisciplinar, ou seja, entre a História e os mais diferentes campos de conhecimento? E, ainda, qual lugar teria uma história do corpo?

É justamente lançando uma “multiplicidade de olhares” sobre o corpo que a coletânea **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**<sup>2</sup> se organiza. Os vieses de

---

\* Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e doutoranda em História Social pela mesma instituição. Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura – NEHAC.

<sup>1</sup> MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de José Carlos Bruni; Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Abril, 1999.

<sup>2</sup> VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009. 230 p.

representação, memória, pluralidade e diversidade fornecem ao corpo singularidades históricas, tornando assim expressão de relações sociais.

No artigo “Uma prostituta no limiar do modernismo” de Eliane Robert Moraes<sup>3</sup> o romance de Hilário Tácito **Madame Pommery**, lançado em 1919, adquire espaço privilegiado. A autora faz uma abordagem sobre o tema da prostituição e, posteriormente, evidencia o modo como a construção protagonista relaciona-se com o tema da modernidade no Brasil. Delineia assim um diálogo com a temporalidade histórica que permite a construção ficcional, a saber, o advento da República, a entrada de capital estrangeiro no país, a reurbanização das cidades e as diversas mudanças sociais e econômicas do país.

[...] Foi nessa época também que sua personagem, uma imigrante estrangeira, chegou à cidade, trazendo uma expressiva contribuição ao nosso projeto de modernidade. Com o espírito progressista e empreendedor característico dos empresários europeus que aqui aportavam, rapidamente Ida Pomerikowski construiu um império, ao mesmo tempo que revolucionou os costumes locais.<sup>4</sup>

O artigo de Nízia Villaça, intitulado “Os imageiros do contemporâneo: representações e simulações”, lança olhares sobre as diversas teorias do corpo. Trazendo à tona a necessidade de “desconstrução da naturalidade corporal”, as particularidades da teoria naturalista, construcionista e interacionista são mostradas do ponto de vista de suas respectivas referências e historicidades. Assim, entre outros, são autores importantes deste estudo François Dagognet, Arthur Frank, Foucault e Lacan. Da mesma maneira, uma abordagem sobre a temática do corpo e imagem é problematizada, mostrando as particularidades destas categorias na contemporaneidade:

O momento atual, por outro lado, sofre de excesso de controle sobre a produção de nossa corporeidade, seja através de intervenções médicas, seja através de intervenções de toda sorte, em busca da perfeição publicitária anunciada nas imagens mediáticas e virtuais na era do consumo e do espetáculo.<sup>5</sup>

---

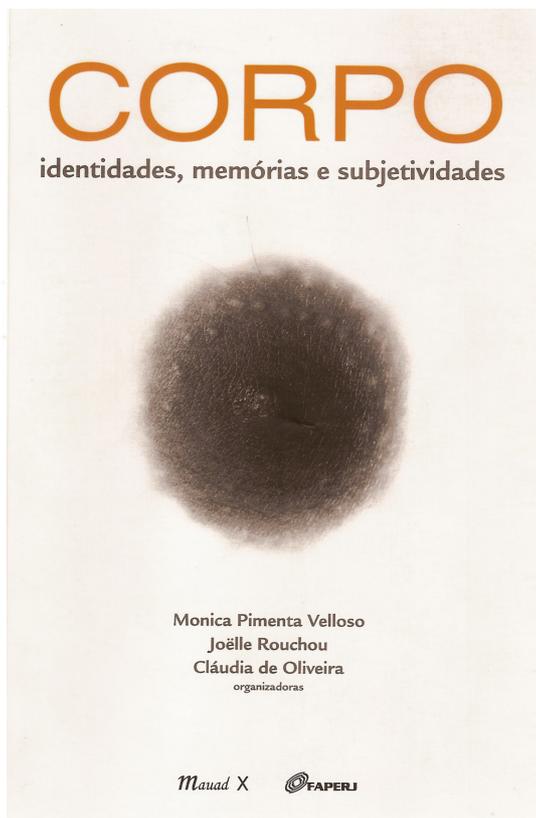
<sup>3</sup> MORAES, Eliane Robert. Uma prostituta no limiar do modernismo. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>4</sup> Ibid., p. 24.

<sup>5</sup> VILLAÇA, Nízia. Os imageiros do contemporâneo: representações e simulações. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 37.

Em seu texto “Lascívia e contrição: leituras ocasionadas por um elogio fúnebre”, Márcia Abreu<sup>6</sup> elege como objeto de reflexão o escrito “Elogio da Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Anna Xavier de Assis Mascarenhas, baroneza de Alvito, e Condessa de Oriola” produzido pelo padre Teodoro de Almeida. Para além de uma abordagem do conteúdo e da historicidade do texto, o qual revela aspectos singulares da vida de sua protagonista, este estudo problematiza a recepção do texto por censores em dois momentos. Sob este movimento é possível inferir:

As diferentes avaliações produzidas pela censura mostram que a leitura é, também, prática variável. Os textos mudam com o tempo, ainda que nem uma das palavras dispostas sobre a página tenha se alterado. A primeira edição do livro, publicada em 1758 (ainda sob o impacto do terremoto de Lisboa, que propiciou o recrudescimento do fervor religioso), não foi lida da mesma maneira em 1797 (em meio à Revolução Francesa e à ampla difusão de escritos licenciosos).<sup>7</sup>



O fenômeno da dança em sua relação com a emergência de uma nova subjetividade e estética moderna é o alvo privilegiado da análise presente no artigo “Escritas de si e do tempo: a dança como metáfora” de Monica Pimenta Velloso<sup>8</sup>. São questões propostas pela autora: Por que a dança se torna objeto de reflexão estética? Por que o corpo bailarino passa a ser “metáfora do moderno”? Entre outras, são referenciais nesta reflexão as obras de Nietzsche, Freud e Bergson. Nesse exercício, as trajetórias de Isadora Duncan e João do Rio são importantes para evidenciar que ambos “discordavam

<sup>6</sup> ABREU, Marcia. Lascívia e contrição: leituras ocasionadas por um elogio fúnebre. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>7</sup> Ibid., p. 59-60.

<sup>8</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. Escritas de si e do tempo: a dança como metáfora. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

do modelo ocidental canônico que, ligado ao pensamento racionalista, positivo e laico, elegia o discurso médico-higienista como seu porta-voz”.<sup>9</sup>

Por meio do diário e cartas do crítico de arte Gonzaga Duque, Vera Lins<sup>10</sup>, em seu texto “Quando a visão se faz gesto”, mostra a maneira pela qual este intelectual dialoga, inverte e problematiza as comemorações do IV Centenário do descobrimento do Brasil. Entre os festejos, está a inauguração do monumento a Cabral, acontecimento que,

Gonzaga Duque ironiza a cena com um olhar pessoal e crítico. [...]. Ao contar que um negro escala o monumento cria uma cena em que se coloca no topo o que a ordem republicana recalrava: o trabalho escravo que atrapalhava o ideário liberal e a população pobre que precisava ficar de fora para a cidade se assemelhar a Paris.<sup>11</sup>

Contrapondo às comemorações bem como às fontes oficiais, os escritos analisados por Lins lançam um novo olhar sobre o próprio processo histórico.

O corpo, por meio das propostas sensoriais de Helio Oiticica, Lygia Clark e Barrio, torna-se objeto de reflexão de Viviane Matesco<sup>12</sup> no texto “Corpo e Subjetividade na arte contemporânea brasileira”. Contrariando a perspectiva ativista e contestatória da Body Art: “[...]Tanto o trabalho de Oiticica quanto o de Clarck sugerem conhecimento sensual através do corpo e da experiência vivida, que se alia à audácia e lucidez conceitual ao propor novas práticas e novo papel para o objeto artístico”.<sup>13</sup>

As cosmogonias, as memórias e os corpos negros em seu viés de identidade/diferença fornecem as bases do estudo de Maria Antonieta Antonacci<sup>14</sup>. Do ponto de vista histórico, os “corpos negros” tiveram seu lugar nas cantorias, nos contos, nos provérbios, nas performances e nos ritmos. Mas, para a autora, existem outras

---

<sup>9</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. Escritas de si e do tempo: a dança como metáfora. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 70.

<sup>10</sup> LINS, Vera. Quando a visão se faz gesto. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>11</sup> Ibid., p. 82.

<sup>12</sup> MATESCO, Viviane. Corpo e Subjetividade na arte contemporânea brasileira. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>13</sup> Ibid., p. 96.

<sup>14</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. Corpos negros em zonas de contato interculturais. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

memórias, as quais figuram se nas páginas da literatura de “folhetos de cordel”:  
“Saberes, costumes, tradições, produzidos e transmitidos em presença de corpos,  
materializam-se em gêneros não verbais de memórias, emitindo vozes do corpo  
prolongadas em artefatos e suas culturas”.<sup>15</sup>

A análise sobre a memória nas produções de Baudelaire, de Marcel Proust e de  
Walter Benjamin foi um importante recurso para que Joelle Rouchou<sup>16</sup>, em seu texto  
“Memória do Olfato: o cheiro de Jasmin”, investigasse os depoimentos de imigrantes  
judeus do Egito, expulsos de seu país e aportados no Rio de Janeiro entre 1956 e 1957.  
Neste exercício reflexivo, a categoria “memória sensitiva” cumpre uma função:  
“Encontrar o cheiro do Egito é uma das maiores alegrias dos imigrantes. A expulsão de  
seu país não conseguiu tirar-lhes o cheiro e o gosto do Egito”.<sup>17</sup> Percebemos assim que  
o “cheiro de Jasmin” propiciou a (re)construção do passado e a identificação de um  
determinado grupo social.

“Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo” de Paola Berenstein  
Jacques<sup>18</sup> envereda-se também pelos caminhos da memória, todavia a proposta de  
reflexão é investigar o modo pelo qual “corpo e cidade se configuram mutuamente”.



Chamaremos de corpografia urbana este tipo de cartografia realizada  
pelo e no corpo, ou seja, as diferentes memórias urbanas inscritas no  
corpo, o registro de experiências corporais da cidade, de uma espécie  
de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas, ao mesmo tempo  
configura o corpo de quem a experimenta.<sup>19</sup>

Por meio da reflexão de Claudia de Oliveira<sup>20</sup>, o corpo adquire singularidades  
na tela **A carioca** de Pedro Américo pintada entre 1862 e 1863:

<sup>15</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. Corpos negros em zonas de contato interculturais. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 104.

<sup>16</sup> ROUCHOU, Joelle. Memória do Olfato: o cheiro de Jasmin. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>17</sup> Ibid., p. 127.

<sup>18</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 127.

<sup>19</sup> Ibid., p. 130.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Cláudia. A carioca de Pedro Américo: o corpo pulsante. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

[...] encarna tanto uma representação conflitante de um nu artístico feminino da sociedade brasileira da época, como metaforiza também um corpo de ideias que traduz a complexa construção racial do projeto de nação do Segundo Império.<sup>21</sup>

Para além de evidenciar que a tela demonstra uma complexa construção visual em que homem x natureza e homem x pátria estão interligados, as categorias de representação e circulação permitem vislumbrar o percurso ocidental da tela. Nesse processo, a noção de cânone é igualmente importante.

Já Maria Luisa Luz Tavora<sup>22</sup>, em seu texto “Das formas e cores – Fayga Ostrower – do corpo operante”, elege a obra de Fayga Ostrower (1920 – 2001) para refletir sobre o corpo, “[...]nas palavras de Fayga, está implícita a compreensão do corpo como pressuposto da experiência que, afinal, para Merleau Ponty, é o fundamento de nossa existência”.<sup>23</sup> Ao mesmo tempo, a trajetória da artista se relaciona com as questões ético-políticas e estético-formais presentes nos anos 40 do século XX.

Sua gravura condensa esse sentido da revelação de uma experiência de vida, enraizando a expressão na experiência do ser-no-mundo, do corpo operante como instância originária a partir da qual todo pensar, todo dizer, todo significar, obtém sentido.<sup>24</sup>

Efetivando uma distinta análise, porém mantendo no centro do debate a temática do corpo, o artigo de Marize Malta<sup>25</sup> traz à tona as noções de ecletismo e “corpo fragmentado”. O objeto de sua reflexão é o romance **O Frankenstein** criado em 1811 por Mary Shelley. Segundo Malta: “Frankenstein é o símbolo de uma sociedade diversa, cujos membros disputavam lugares sem, contudo, ter a certeza do lugar a que pertenciam”.<sup>26</sup> Unindo em um só corpo estilos do passado e do presente e imagens de culturas distintas, este personagem procura seu lugar num mundo que privilegia o progresso e a civilidade.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Cláudia. A carioca de Pedro Américo: o corpo pulsante. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 144.

<sup>22</sup> TAVORA, Maria Luisa Luz. Das formas e cores – Fayga Ostrower – do corpo operante. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>23</sup> Ibid., p. 156.

<sup>24</sup> Ibid., p. 162.

<sup>25</sup> MALTA, Marize. Corpos estranhos: Frankenstein e o objeto eclético. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>26</sup> Ibid., p. 170.

“De que corpo estamos falando, já que esse é um corpo em construção e é histórico? O que acontece com os corpos e aos corpos na passagem do capitalismo fordista para o modelo biotecnológico?”<sup>27</sup> São estas as questões-chave proposta por Ivana Bentes. Entre outros, os estudos de Michel Foucault e Jules Deleuze foram importantes para compreender o corpo nestas duas distintas temporalidades. Segundo ela, é na arte moderna, mas especificamente no cinema, que se encontram elementos para sua análise. Estas duas instâncias “vão acentuar o corpo fragmentado e deformado, o corpo compreendido como superfície, como linguagem, como desejo, como lugar de produção de sentido”.<sup>28</sup>

Os filmes clássicos como **Metrópolis**, de Fritz Lang; **Tempos Modernos**, de Charles Chaplin, entre outros, são, para a autora, referências para pensar o corpo no capitalismo fordista. Já a produção de David Cronenberg (**Videodrome**, **A mosca**, **Gêmeos**, **Crash** e **eXistenZ**) são importantes para pensar a relação entre corpo e biotecnologia.

O lugar que o corpo adquire na linguagem cinematográfica é também tema da abordagem de Ieda Tucherman<sup>29</sup>. Segundo a autora, nesta linguagem, bem como na denominada nova cultura visual médica se tem “[...] o corpo como espetáculo, aliando prazer, curiosidade, desejo de exploração”.<sup>30</sup> Os filmes que tratam da biotecnologia e da ficção científica são importantes para pensar o corpo na moderna medicina, lugar que torna possível os “fragmentos corporais” tais como banco de sangue, de órgãos, de sêmem e de transplantes. Entre os filmes consagrados de ficção científica, a autora cita **Gattaca**, **Inteligência Artificial** e **Matrix**, mas seleciona para reflexão **21 Gramas** de Alejandro González-Inarritu, “[...] que traz à cena a presença dos transplantes, na radicalidade das questões ontológicas que a envolvem e que passam despercebidas numa quase banalização vitoriosa dessa técnica”.<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> BENTES, Ivana. O que pode um corpo? Cinema, Biopoder e Corpos-imagens que resistem. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009, p. 184.

<sup>28</sup> Ibid., p. 186.

<sup>29</sup> TUCHERMAN, Ieda. O corpo transparente: o imaginário biotecnológico na ficção cinematográfica. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>30</sup> Ibid., p. 207.

<sup>31</sup> Ibid., p. 210.

Do ponto de vista teórico-metodológico, como situar o tema da sensibilidade? De que modo a instância individual x coletivo deve ser pensada nesta categoria? São questionamentos iniciais mobilizados por Alcides Freire Ramos<sup>32</sup>. Neste estudo o autor elege **Lição de Amor**, filme de Eduardo Escorel, para refletir sobre as noções de “corpo”, “identidades”, “memórias” e “sensibilidades”. Além de mostrar o tratamento que o cineasta fornece a alguns impasses da sociedade Brasileira, tais como, patriarcalismo, modernização conservadora e ditadura militar.

[...] com base na noção segundo a qual o cinema pode se apresentar como veículo privilegiado das sensibilidades partilhadas, torna-se viável tentar compreender, do ponto de vista histórico, o tratamento dado pelo cineasta a alguns temas fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira.<sup>33</sup>

O autor ainda evidencia a relação entre obra literária e cinema, uma vez que, **Amar, verbo intransitivo**, de Mario de Andrade, foi o ponto de partida do cineasta.

Cada uma destas instigantes reflexões compõe as partes da coletânea “Corpo e Reflexão Histórica”, “Escritas de si e do tempo”, “É com o corpo que também nos lembramos...”, “Corpo Alegórico” e “Corpos no Cinema”. Sob diferentes categorias, temporalidades, fontes e linguagens, o corpo se mostra não apenas como necessidade de reflexão histórica, mas como possibilidade de indagar a própria construção da realidade social. Por todos estes motivos, as nuances que o corpo adquire nesta obra merecem ser lidas.

---

<sup>32</sup> RAMOS, Alcides Freire. Corpo, identidades, memórias e sensibilidades em **Lição de Amor** (1976, Eduardo Escorel). In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia de. (Orgs.). **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2009.

<sup>33</sup> Ibid., p. 218.